



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOCILENE DA SILVA SOUZA

TORNANDO-NOS PROFESSORES E PROFESSORAS. TRAJETÓRIA DE GRADUANDOS DO CURSO DE HISTÓRIA DO CH/UEPB NAS ATIVIDADES DO ESO.

Guarabira-PB

2015

JOCILENE DA SILVA SOUZA

TORNANDO-NOS PROFESSORES E PROFESSORAS. TRAJETÓRIA DE GRADUANDOS DO CURSO DE HISTÓRIA DO CH/UEPB NAS ATIVIDADES DO ESO.

Trabalho apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção de conclusão de grau do Curso de Licenciatura em História à Universidade Estadual da Paraíba-Campus III.

Orientador: Prof.º Dr: Flávio Carreiro de Santana.

Guarabira-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725t Souza, Jocilene da Silva
Tornando-nos professores e professoras trajetórias de
Graduandos do curso de História do CH/UEPB nas atividades do
ESO [manuscrito] / Jocilene da Silva Souza. - 2015.
34 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Flavio Carreiro de Santana, Departamento de
História".

1. Formação Inicial. 2. Professor de História. 3. Estágio
Supervisionado. I. Título.

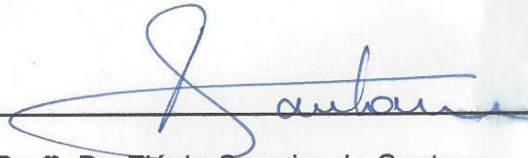
21. ed. CDD 981

JOCILENE DA SILVA SOUZA

TORNANDO-NOS PROFESSORES E PROFESSORAS. TRAJETÓRIA DE GRADUANDOS DO CURSO DE HISTÓRIA DO CH/UEPB NAS ATIVIDADES DO ESO.

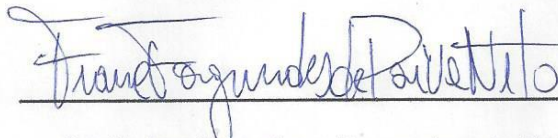
Aprovado em 19 de junho de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



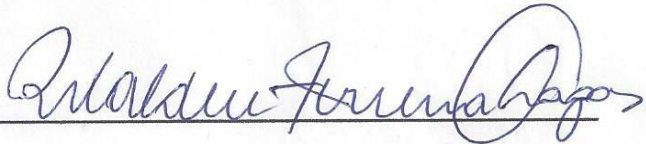
Profº. Dr. Flávio Carreiro de Santana

(Orientador)



Profº. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto

(Examinador)



Profº. Dr. Waldecir Ferreira Chagas

(Examinador)

Guarabira – PB

2015

TORNANDO-NÓS PROFESSORES E PROFESSORAS. TRAJETÓRIA DE GRADUANDOS DO CURSO DE HISTÓRIA DO CH/UEPB NAS ATIVIDADES DO ESO.

SOUZA, Jocilene da Silva¹.

Prof.^a Dr. Flávio Carreiro de Santana (UEPB-Orientador)

Resumo:

O presente trabalho de conclusão de curso consiste em apresentar uma discussão a respeito do Estágio Supervisionado e a Formação Docente a partir das experiências e práticas vivenciadas em sala de aula, propiciadas pelo Estágio Supervisionado, realizada no quarto ano de graduação do curso de História em uma turma de 3º ano do ensino Médio, experiência está vivenciada por alunos concluintes do curso de História do CH/UEPB que consistiu na realização de uma oficina temática, junto a alunos de uma das escolas públicas do município de GUARABIRA-PB.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História; Estágio Supervisionado; Formação de professores.

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. Campus III-GUARABIRA

AGRADECIMENTOS

“Na prática a teoria é outra”

Na busca pelo conhecimento se têm quatro anos de convívio com pessoas de pensamentos diferentes hábitos diferentes que buscam o mesmo objetivo: Aprender a ser. O desafio começa agora; sofremos, rimos, tivemos medos mais estamos aqui. Já sinto falta de cada um, espero encontrar pessoas tão companheiras quanto, não teria passado desta etapa se não tivesse tido educadores tão excelentes e companheiros tão amigos, unidos do início ao fim, cada um com suas opiniões e personalidades mais ensinando que o importante não é mudar as coisas, mas respeitar as diferenças.

Um obrigada em especial à nossa querida Marisa Tayra (In Memória) que fez parte da minha formação não só profissional, mas também humana. Que me ajudou de início na construção deste trabalho, sempre com mensagens positivas e se foi deixando saudades, mas sempre será lembrada, pois para quem a conheceu será difícil não lembrar. Saudade eterna.

Agradeço a Deus, que dá a força necessária através da fé para continuar a lutar e concretizar os sonhos.

Agradeço a meus pais e irmãos que me apoiaram desde início e me ajudaram desde simples trabalhos realizados durante esta vida acadêmica, até aqui na construção da pesquisa final, experiências que me trazem importantes ensinamentos.

Agradeço também a Flávio Carreiro por ter aceitado dar continuidade aos trabalhos de orientação e Pesquisas. Agradeço também aos professores Waldeci Chagas e Fagundes Paiva pela leitura atenta desse trabalho.

Jocilene S. Souza.

SUMÁRIO

I.	Introdução-----	8
II.	Estágio Supervisionado: Formação para a Docência-----	9
III.	Oficina-----	14
IV.	Considerações Finais-----	20
V.	Referências-----	22
VI.	Anexos-----	23

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, discute-se muito a qualidade do ensino. Para que o ensino se realize, é preciso pensar na formação dos professores, enquanto agentes reflexivos e transformadores de suas práticas e das práticas sociais, conforme citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998, p.67), doravante PCN's.

Nas licenciaturas, um dos componentes curriculares que contribuem para o pensamento crítico reflexivo dessa formação é o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), o qual propõe discutir a formação docente, propostas curriculares, condições de ensino e a própria condição de formando enquanto agente capaz de intervir nas realidades educacionais a partir das experiências proporcionadas pelo ESO.

A formação do professor é um processo complexo que envolve saberes que buscam preparar o graduando para sua atuação no meio social, sendo continuamente transformado pelos contextos sociais que cercam a escola e sua prática docente. No que se refere ao professor de História, essa complexidade de saberes é ainda mais relevante, uma vez que os contextos sociais e a própria sociedade estão em constante processo de transformação.

Dessa forma, o nosso trabalho tem por objetivo explorar a formação do profissional docente em História, através do olhar dinâmico e reflexivo do componente curricular ESO, tanto enquanto campo de pesquisa quanto como experiência da prática docente. Sendo assim, este trabalho está organizado em duas partes: a primeira parte apresentará uma discussão a respeito do Estágio Supervisionado, buscando instigar as contribuições desse componente curricular para a formação docente.

A segunda parte apresentará uma experiência vivenciada e realizada no instante do ESO, período 2014.1, na E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo, localizada no Bairro do Nordeste II, na cidade de Guarabira (PB), junto à turma do 3º ano do Ensino Médio, turno da manhã.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

Em nossa sociedade, o conceito de formação de professores está interligado aos cursos de licenciatura, os quais oferecem ao sujeito qualificação para a prática docente, observando sua preparação na área do conhecimento específico para o seu exercício profissional.

Hoje, discute-se muito a qualidade de ensino, sendo imprescindível para abordá-la falar sobre a formação do professor, seja como agente reflexivo ou como agente transformador em sua prática. Como afirmam os PCN's (1998:67), “a formação de professores se coloca, portanto, como necessária para que a efetiva transformação do ensino se realize”.

Por meio do Estágio Supervisionado os alunos de licenciatura veem a realidade cotidiana de sua futura profissão e refletem a teoria e a prática. Esta é uma atividade privilegiada de diálogo crítico com a realidade, por esse motivo, o componente Estágio Supervisionado consta na grade curricular desde o início da formação docente, possibilitando ao discente ampliar sua formação por meio de suas vivências cotidianas praticadas em sala de aula, e, em nosso caso, vividas a partir das inferências na sala de aula por meio das Oficinas de Ensino.

Assim, como docente da área, tenho a oportunidade, através da interação com os alunos da disciplina, de vivenciar passo a passo o efetivo contato com educandos do ensino fundamental e médio de escolas públicas. E em virtude desta prática, nos indagamos: como fazer para ter uma metodologia interativa, uma sala de aula organizada, aulas prazerosas, diferente de tudo aquilo que já se tem, para não repetirmos os mesmos métodos vistos ao longo de uma vida escolar, métodos estes que estamos costumados a criticar?

Ao realizarmos o Estágio Supervisionado e as Oficinas de Ensino, percebe-se que ambos têm por objetivo nos preparar para o exercício docente, apresentando-nos as dificuldades e os obstáculos que o ensino de História nos impõe, e durante a formação de professores foram muitas as abordagens teóricas discutidas nas disciplinas de Prática de Ensino em História (I e II), abordagens essas que muito contribuíram para o processo de formação, uma vez que servem de subsídios de extrema importância para a construção crítica,

ética, pessoal, e profissional de um professor, em especial, um professor historiador.

Os estágios permitiram-nos uma interpretação mais crítica da realidade sob o contexto social escolar e a ação docente neste meio. O componente nos trouxe novas perspectivas, com uma análise crítica mais perceptiva desta ação, responsável pelo desenvolvimento da oficina enquanto exercício da prática docente.

O componente curricular necessita de uma reflexão comparativa, a qual se faz através de uma análise criteriosa entre a teoria e a prática docente. Nesta perspectiva, percebe-se sua grande importância enquanto disciplina, campo de pesquisa e aprofundamento teórico. No que diz respeito à prática, é a partir da regência que podemos vivenciar mais de perto e acompanhar um pouco mais o dia a dia nas escolas públicas, e dos professores, atuando diretamente na sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares de História trazem conceitos inspiradores para se trabalhar com o ensino da disciplina, os quais objetivam romper com o “ensino tradicional” que permeia as salas de aula, construindo saberes críticos a partir da reflexão, utilizando-se de outras fontes e pontos de vistas diferentes. A sala de aula precisa ser um espaço onde o educando deve transparecer seu interesse pelo mundo e suas expectativas pelo processo ensino-aprendizagem. De acordo com Bittencourt (2004), as atuais propostas curriculares sugerem uma efetiva participação do educando, numa abordagem do cotidiano no ensino de História, com vistas a uma reflexão do hoje em nome de uma sala de aula diferenciada, onde se possa refletir à concepção de cotidiano no sentido de superar o tempo único, homogêneo e linear oriundo do ensino tradicional.

O estágio enquanto disciplina, nos possibilita uma compreensão ampla, complexa e crítica relacionada aos parâmetros que regem o mundo escolar e as diversidades existentes. Já o Estágio enquanto campo de pesquisa e de observação nos possibilita uma visão muito mais crítica e real no contexto social em que se apresenta o núcleo escolar. Sob diversas perspectivas, fica clara a importância desta disciplina como objeto de estudo e pesquisa e, sobretudo, como componente curricular presente nos cursos de licenciaturas, que possibilita uma visão crítica, na qual revela a primeira impressão, o

primeiro impacto, a ansiedade além da curiosidade existente em cada indivíduo em formação.

Em meio a este processo o educador, licenciando em História, presencia situações diversas, saindo da instituição pela qual passou por um processo de transformação, mesmo tendo uma consciência pouco crítica (pouco no sentido do educando adquirir este senso crítico ao longo de sua atuação) dotado de uma consciência ingênua, que por sua vez é maior do que a sua consciência crítica, desejando fazer/acontecer, e no exercício de sua prática sofre um choque de realidade, observando que depende do contexto escolar o qual está inserido, dos recursos didáticos oferecidos pela escola campo e de outros fatores que estão intrínsecos ao formando, e antes de por em prática o que foi visto na teoria, o aluno passa a imaginar as diversas situações, passando a refletir e a questionar-se: como será a sua atuação na escola? Como vai reagir? Qual será o resultado? Entre outras perguntas que ocorrem durante esta expectativa com a espera do estágio.

No entanto este pensamento positivo sempre persiste, porém, arraigado de medo, por ainda esta em formação, por temer errar diante do público que assistirá a sua atuação como professor de História, tendo em vista a faixa etária dos educandos e o grau de interatividade e confiança a ser estabelecida durante a execução do estágio supervisionado.

Neste momento o estagiário acaba imitando alguns modelos já estabelecidos, devido à prática não ser tão simples quanto à teoria e a didática utilizada pelo estagiário ser diferente do que é praticado em sala de aula no cotidiano e o aluno na maioria das vezes não responder a perspectiva do estagiário.

Na maioria das vezes o conceito que o aluno tem de estagiário é de alguém inferior ao professor, e o professor em formação que está através do ESO participando do dia a dia das escolas, busca fazer seu trabalho como todos os outros educadores que faz parte do corpo docente do ambiente escolar, é necessário deixar isto claro, pois em minha atividade de estagiária senti isso, e tanto os alunos quanto alguns professores das escolas não nos veem como tal. Assim, falta entre professores e alunos das escolas para com os professores-estagiários um pouco mais de confiança diante do trabalho a ser desenvolvido.

No entanto é importante lembrar que cada escola tem um jeito específico de conduzir seu cotidiano e de posicionar-se diante das questões que surgem.

O estágio é o momento que o graduando busca se adaptar a realidade encontrada em sala de aula, visto que ambos, tanto/ o aluno quanto o professor estagiário, estão buscando entender o ritmo e interesses um do outro, com ganhos recíprocos de conhecimentos, tornando-se um espaço de encontro dos elementos sócio- culturais dos alunos e dos graduandos.

O primeiro contato com a escola faz com que o estagiário analise as determinadas situações, provocando em si uma meditação mais criteriosa quanto às ações da docência e o papel do professor, pois o mesmo já não mais vê o professor que, neste caso, é a si próprio com a visão de aluno, mas sob a visão e perspectivas de um futuro mediador. Assim como menciona Pimenta & Lima:

Portanto, o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. “Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica às condições materiais nas quais o ensino ocorre”. (2011:49)

O professor busca ser um profissional rico em conhecimentos e com características que o torne diferente dos demais. Ou seja, busca construir novos saberes e não apenas transmiti-los, e apesar de tantas dificuldades o profissional da educação cria novas condições para dar uma pausa às crises que o rodeia, segundo Freire, estamos sempre em processo de formação: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” FREIRE (1996).

Freire nos transmite uma imagem positiva do ensino, visto que tornar-se mediador necessita de mais avanços em termos de transformação de si, exige continuidade em torno do conhecimento adquirido, pois necessita de reconstrução de questionamentos, o mediador torna-se pesquisador contínuo em busca de novos conhecimentos. O estágio em primeira instância possibilita um conhecimento empírico adquirido em sala de aula de como trabalhar questões referentes a uma sociedade onde há multiplicidades de elementos culturais, sociais e econômicos, onde o próprio conceito de verdade é variável

e onde os educadores necessitam ser tão abrangentes quanto as dificuldades que encontram no caminho e tão abrangentes quanto essa diversidade.

A formação do professor de História é um processo dotado de saberes que buscam preparar o formando para sua atuação no meio educacional. Porém, este processo é influenciado pela própria sociedade através de sua evolução histórica exercida pelos membros que a designa, e que certamente continuará exercendo de forma cada vez mais substancial e organizada.

O fato de o estágio ser supervisionado é uma forma de treinamento, pelo qual o estudante vivencia o que aprendeu na Universidade, e passa a perceber como os conteúdos aprendidos na instituição podem ser úteis e como podem ajudar a eliminar os empecilhos encontrados pelo caminho profissional. O objetivo desta formação, juntamente com o ensino de História, é efetuar mudanças e refletir as práticas sociais nas diversas áreas da educação.

O processo de ensino nas escolas e universidades, assim como o educando da área de História, está sempre em construção, em processos de mudanças. A desvalorização da profissão docente é histórica e, em decorrência disso, os salários são mal remunerados, e, não obstante, ainda falta em muitas escolas apoio pedagógico, recursos didáticos e estrutura física, o que dificulta o processo de ensino aprendizagem do educando e favorece o desestímulo do educador, fazendo com que cada vez mais o interesse pela profissão diminua.

Os professores investem na docência com esperanças de melhorias na profissão e no ambiente escolar em que estão inseridos, porém nem sempre obtém êxito, se deparando com a desvalorização e o desestímulo pela profissão. Dada essa realidade atual que se encontra em sala de aula, atrair o aluno para a construção do ensino através de seus métodos, seus objetivos, sua realidade é o melhor caminho a se buscar.

Neste contexto, partindo das experiências vivenciadas, primeiro como discente e depois como professora estagiária de História, buscarei desenvolver uma análise reflexiva da prática do Estágio Supervisionado em História, que se deu através de experiências ocorridas em uma escola pública, especificamente na escola Monsenhor Emiliano de Cristo/ PRO-EMI. GB1, conhecida popularmente como Polivalente, localizada na Rua: João Lordão. N° 125. Bairro: Nordeste II- Guarabira, realizada no primeiro semestre letivo de 2014,

entre os dias 12 e 22 de Maio deste mesmo ano, sendo o dia 12/05 o início de um dos encontros com os educandos e a professora da escola campo Severina Gomes, para conhecer melhor a escola e os discentes e apresentar as propostas da oficina; e o dia 22/05 foi dedicado à realização da oficina.

Nosso público alvo foram alunos do 3º ano, turno manhã, com faixa etária entre 15 a 19 anos. Durante a realização do estágio, notou-se a necessidade de leituras complementares para construção de novos saberes que buscassem aprimorar os conceitos históricos. O período de regência nas escolas públicas do município de Guarabira proporcionou uma experiência única e diferente, a partir da qual conseguimos perceber a diferença de estar assistindo a aula e de estar ministrando-a.

1.1 A OFICINA

A oficina é essencial para o graduando, pois proporciona aos mesmos, um contato direto com o ambiente escolar, onde podem testar suas teorias e práticas referentes ao processo de ensino aprendizagem *adquiridas durante o curso*.

O conteúdo abordado durante a realização do estágio na escola campo foi os 50 anos do golpe militar de 1964, sob o tema Ditadura Militar, este sugerido pela professora regente da UEPB Luciana Calissi. No desenvolvimento desse tema buscamos trabalhar de forma dinâmica, enfatizando os protestos, e utilizando a música como um instrumento de protesto, proporcionando uma aproximação dos alunos (as) com o tema e buscando fazer que os educandos percebam esse período histórico, como o período da repressão extrema, no qual, tudo poderia ser censurado, inclusive a criatividade artística.

A oficina foi elaborada com o objetivo de trabalharmos o contexto histórico da Ditadura Militar, apresentando a música como documento histórico, e um meio de informações, reforçando a ideia de que essa arte serviu como mais uma importante ferramenta de comunicação, que conseqüentemente traz em sua letra mensagens de indignação e revolta, a qual ainda continua sendo

utilizada com esse fim. Através da música muitos críticos desenvolveram maneiras de expressar suas insatisfações acerca desse período conturbado da nossa história, que foi a ditadura militar e continuam expressando nos dias atuais, e o propósito principal desta oficina foi fazer uma demonstração, identificando a música como um registro de expressões/manifestações sociais ou político-social, tanto no passado quanto no presente.

Escolhemos trabalhar com oficina por ser um mecanismo que busca a interatividade e a participação do aluno, e também por ser um meio pelo qual se aborda temáticas que não necessariamente deva ser relacionada ao conteúdo da disciplina de história, mas que esse seja um meio que busque aproximar o indivíduo do assunto e o favoreça na construção do conhecimento. Partindo deste objetivo trabalhamos a música “Cálice” de Francisco Buarque de Holanda, mais conhecido como Chico Buarque² que é um cantor e compositor brasileiro.

Para realização da oficina a escola, juntamente com a professora titular da turma, Severina Gomes, nos disponibilizou a sala de mídia e duas turmas de 3ºano no turno manhã, com horário de início às 07h15min e término às 10h00min horas.

O tema da oficina foi escolhido pela equipe de estagiários junto com a professora de estagio da universidade e apresentado como proposta à professora Severina Gomes, que aceitou e nos deu total apoio para o desenvolvimento da mesma. Como metodologia iniciamos com uma paródia, encontrada em uma rede social na internet³, que trazia a tona alguns problemas da atualidade (saúde, educação, e segurança) que serviu como dinâmica inicial, por ter uma linguagem de fácil compreensão e retratar em seu teor, o assunto do qual iríamos trabalhar. A paródia foi lida e logo em seguida cantada pelos alunos e professores/estagiários.

Ao perguntar aos discentes qual a mensagem que esta paródia nos transmitia, mostramos que a mesma apresenta a liberdade de expressão e faz

²Chico Buarque foi um dos artistas ameaçado pelo regime militar, esteve auto exilado na Itália em 1969, aonde veio a compor a música Cálice, proibida pela censura do regime, por ser uma alusão negativa ao presidente Médice.

³. Paródia encontrada no Facebook através do site: Tv revolta. A qual se encontra em anexo, no fim do texto.

uma crítica a realidade do Brasil na atualidade, buscamos fazer uma breve conceituação do termo Democracia e questionamos (o que é democracia? Vivemos em um país democrático?) e em seguida partimos para o tema Ditadura Militar; obtendo um conhecimento prévio com o que entendem por Democracia e Ditadura, expondo um diálogo com os discentes sobre o que foi a Ditadura militar, como se deu e o que significou para a história do nosso país.

Buscamos desenvolver a crítica a partir deste tipo de manifestação-expressão popular a partir do cotidiano do aluno, provocando, nos mesmos a ideia de democracia e liberdade de expressão, despertando um senso crítico sobre o que foi a Ditadura militar e como ela atuou na sociedade nas décadas de 60 a 80, contextualizando o período estudado. Além de buscarmos destacar trechos de algumas músicas que retrata a realidade da época, com destaque para “Cálice”, termo ambíguo utilizado por Chico Buarque para denunciar, ainda que intrinsecamente as barbáries e violência cometidas pelos ditadores do governo.

Levamos até eles a letra da música de Chico Buarque supracitada para reflexão e análise de seu teor e conteúdo, bem como leva-los a identificar o verdadeiro sentido e significado do título e letra, e ao mesmo tempo fazer uma ponte entre as críticas sociais contidas nas letras das músicas de hoje com as de protestos criadas na época da ditadura, interligando e comparando o impacto que trouxe e continua a trazer para a sociedade. Os alunos logo se envolveram, e participaram com suas opiniões e assim, muito enriqueceu a oficina. Dois desses alunos como sugerido antes, levaram para sala de aula um violão para acompanhar a melodia da música.

Após todo debate instigamos a turma a se dividirem em equipes, e criar através do que foram expostas em sala, juntamente com a experiência vivida por eles, estrofes que exponham algumas opiniões, ou mesmo alguns desabafos diante da sociedade da qual fazem parte, no intuito de no fim desenvolverem a letra de uma música de autoria deles para exposição em sala. Os educandos através da oficina desenvolveram relatos que expressam tanto suas opiniões a respeito do estabelecimento de ensino em que atuam, como se vê na produção realizada por eles, a seguir:

Era uma escola muito engraçada
 Que de bom não tinha nada
 Ninguém podia sair não
 Porque o vigia não abria o portão
 Na hora do intervalo é muito chato
 Pois de bolachas já estamos fartos.

Quanto, manifestações que retratam opiniões acerca da realidade em que se encontra a sociedade que atuamos:

Todos dentro de uma confusão,
 O País vivi uma maldição,
 Em busca apenas de uma solução
 Reprimidos em sua opinião
 Dinheiro jogado fora
 Políticos sem razão

Dos filhos desse solo sem solução
 Pátria amada da corrupção
 Onde o dinheiro vale mais que a Educação
 Pátria amada da inflação

Em meios ao caos e a devastação
 Políticos procuramos a “razão”
 Para acabar com a ilusão
 Estamos aqui, queremos ATENÇÃO.
 Temos direitos de opinião
 Vamos Brasil juntos a REVOLUÇÃO.

A diversão é limitada
 Pois a rua é perigosa
 Então eu vou para casa
 Quando eu chego vejo televisão
 Pois está lá mais um corpo

Estendido no chão.
Será que é pra aceitar?
Me acomodar?
Ou Protestar?

Queremos mais escolas e menos estádios
Queremos um povo que viva lado a lado
Temos direitos, vamos fazer valer,
Ficar calado não vai resolver
País precisamos nos reunir, se não
O país vão destruir
Quero direito de vez e voz
Para que o futuro tenhamos nós.

Os relatos produzidos pelos alunos mostram que os mesmos conseguiram identificar através das músicas, um vínculo com as críticas direcionadas ao Golpe civil-militar de 1964 e alguns dos problemas sociais encontrados em nosso País nos dias atuais. Os quais relatam em suas produções, críticas direcionada a falta de políticas públicas que levem o país ao progresso, por estarmos em um período de constantes manifestações Políticas.

Esta é sem dúvida uma maneira descontraída, em que professores/estagiários com a participação ativa dos discentes do Polivalente encontraram para expressar suas insatisfações acerca das atuais ocorrências encontradas em nossa sociedade. Todos os trabalhos por eles produzidos foram apresentados, filmados e enviados para o e-mail da escola, como sugerio a professora Severina Gomes. A oficina desenvolvida buscou sempre dentro do possível, aproximar o conteúdo trabalhado com a realidade dos educandos, além de abrir espaço para uma constante troca de experiências entre o educador e os educandos.

A oficina no estágio supervisionado é uma experiência que enriqueceu nossa autoestima e que fez crescer cada vez mais a admiração e o respeito pela profissão além de ser uma estratégia excelente para desenvolver não apenas o lado profissional como também o pessoal, pois, através desta,

professor e alunos trabalham com mais interatividade para elaboração de um determinado projeto.

Em nosso dia a dia estamos sempre em processo de ensino aprendizagem e estes alunos, superaram todas as nossas expectativas para com eles, o resultado final foi ótimo, buscamos sempre interagir com os alunos despertando seu senso crítico e reflexivo e esses participando ativamente da oficina do principio ao fim.

Paulo Freire (2006) enfatiza que vemos a educação como um ato de amor, mas percebe-se que na verdade é bem mais que isso, é doação integral a comunidade e ao meio social em que vivemos e que iremos atuar.

É preciso (Re) pensar a formação desse profissional, as críticas são muitas, devido à falta de capacitações, formações continuada para os profissionais, o excesso positivo e negativo de alunos em sala de aula e outros fatores que estão intrínsecos a profissionalização. De acordo com Gauthier (1998), o ensino é “a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino” (p. 27). Ou seja, como menciona Foucault (1988) “O poder se dá na questão do saber” e é esse saber que deve ser explorado, para uma melhor inovação na educação, pois a educação é essencial para o desenvolvimento social humano e da sociedade.

Entendemos que o exercício profissional para o (a) aluno (a) do Curso de Licenciatura Plena em História é uma possibilidade que torna possível novas produções teóricas, novos valores, novos significados e novas direções nas ações profissionais. O que fica evidente é que o espaço profissional é um espaço de lutas constantes, configurado na articulação política de sua organização, consciência, conhecimento e ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão Professor por si só já é uma prática social bastante interativa, que se dá ao ambiente social da sala de aula.

Ensinar com certeza não é tarefa fácil, mas é uma experiência que poucos conseguem entender é outra face da moeda do aprender onde em meio à sala de aula esse processo cotidianamente passa por tribulações que são apenas degraus que não derrubam, mas que permite que você continue evoluindo, pois na educação não há formulas prontas nem métodos exatos, elas se reconstróem a cada dia. A experiência e a abordagem deste complicado universo da educação são válidas e muito enriquecedora, dada sua contraposição à teoria, vivenciando a realidade “nua e crua” pela qual passam professores e alunos.

Estamos sempre em processo de estagio. A observação e a investigação do cotidiano nas escolas abre um viés de investigação/intervenção que se constitui com novos saberes para a profissão docente. E tanto formadores quanto formandos acabam se transformando em observadores e estabelecem entre a universidade e a escola, uma ponte construída com a oportunidade de descobrir formas de se reconhecerem como estagiários e aprendizes da prática docente, tal como já havia nos alertado Selma Pimenta:

“O estágio como pesquisa já se encontra presente em práticas de grupos isoladas.” No entanto, entendemos que precisa ser assumido como horizonte ou utopia a ser conquistada nos projetos dos cursos de formação” (PIMENTA, 2010: 20).

Um dos fundamentos de aprendizagem do educador em História, importante para a sua formação, é a própria sociedade, ou seja, é a sociedade uma das principais educadoras do licenciando em História, e esta formação é um processo sem fim, continuo que perdura por toda a vida do profissional da área de História.

A educação que a sociedade oferece a seus educandos vai mudando de acordo com seus interesses, e independente das classes sociais e das

diferenças entre o educador e o educando, o estudo entre suas origens é a mesma. Grande parte dos educadores é formado para servir a seus objetivos, de acordo com sua gênese, dentro da realidade existente. Sua formação tem sido concretizada para uma função regular em um ambiente com constantes processos de mudanças.

Os relatos mencionados até aqui são baseados em experiências vivenciadas durante o estágio em sua fase conclusiva, onde pudemos testar nossas práticas e teorias adquiridas durante o curso, referentes ao processo de ensino-aprendizagem bem como ao papel e a importância do professor na sociedade.

REFERENCIAS

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação) BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação? São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRZEZINSKI, Iris. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. 2ª Ed. Brasília: Plano Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edição Graal, 1988.

GAUTHIER, Clermontet al. **Por uma Teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí, RS: UNIJUI, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. & LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**, 6ª Ed. Cortez, 2011.

Parâmetros Curriculares Nacionais: História/Secretária de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 108 p.

ANEXOS

OFICINA DE ESTÁGIO

TEMA: Ditadura Militar.

SUBTEMA: Música Como Instrumento de Protesto.

Atividade

Exponha em forma de versos, sua opinião sobre a realidade do Brasil.

1. **ALUNOS:** Alysson Lima, Suellinton Silva, Júlio Cesar, Jefferson Jorge.
Wellington Júnior, Thiago Gomes.

Todos dentro de uma confusão,
O País vivi uma maldição,
Em busca apenas de uma solução
Reprimidos em sua opinião
Dinheiro jogado fora
Políticos sem razão

Dos filhos desse solo sem solução
Pátria amada da corrupção
Onde o dinheiro vale mais que a Educação
Pátria amada da inflação

Em meios ao caos e a devastação
Políticos procuramos a “razão”

Para acabar com a ilusão
Estamos aqui, queremos ATENÇÃO.
Temos direitos de opinião
Vamos Brasil juntos a REVOLUÇÃO.

2. ALUNOS: Jennifer Thais, Vitoria Bernardino, Edicleide Silva,
Mayana Simões.

ERA UMA ESCOLA.
Era uma escola muito engraçada
Que de bom não tinha nada
Ninguém podia sair não
Porque o vigia não abria o portão
Na hora do intervalo é muito chato
Pois de bolachas já estamos fartos.

3. ALUNOS: Heloísa, Leandro, Arilene, Luciana, Eglicia.

A que bom seria se houvesse,
Igualdade social e direito a saúde
E a educação
A que bom seria se houvesse
Flores nos campos, Paz e Amor.

4. **ALUNOS:** Lucas, Vandilson, Andressa.

Queremos mais escolas e menos estádios

Queremos um povo que viva lado a lado

Temos direitos, vamos fazer valer,

Ficar calado não vai resolver

País precisamos nos reunir se não

O país vão destruir

Quero direito de vez e voz

Para que o futuro tenhamos Nós.

5. **ALUNOS:** Ronny, Roberto, Jhonn.

Estamos aqui reivindicar uma

Melhora na área da Educação

Por uma mais ampla estrutura educacional

Com profissionais cada vez mais capacitados

Para nossa melhor qualificação.

6. **ALUNOS:** Juciana, Jayanne, Verbêna, Mayara, Amanda, Perocio,

Everton.

A dor amarga que atormenta nossos dias

Cala a nossa voz e cessa a esperança

Omite nossa opinião, que grita SOCORRO!

Sem que ninguém escute, se manifeste!

E nos diminuem até que então sejamos invisíveis.

7. **ALUNOS:** Israelly, Kamilla, Kalianne, Lucineide, Ewerton, Josivaldo.

A diversão é limitada

Pois a rua é perigosa

Então eu vou para casa

Quando eu chego vejo televisão

Pois está lá mais um corpo

Estendido no chão.

Será que é pra aceitar?

Me acomodar?

Ou Protestar?





Trecho retirado da internet e apresentado aos alunos:

♪ Era um país muito engraçado, ♪
♪ não tinha escola só tinha estádio. ♪
♪ Ninguém podia protestar não, ♪
♪ porque a PM sentava a mão. ♪
♪ Ninguém podia ir pro hospital, ♪
♪ porque a fila estava um caos, ♪
♪ ninguém sabia reclamar não, ♪
♪ porque faltou educação, ♪
♪ mas era feita com muito esmero, ♪
♪ no país dos bobos, saúde zero! ♪

Cálice

Chico Buarque

Pai afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Pai afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Pai afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada à faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade

Mesmo calado o peito, resta à cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça.

Oficina de Estágio

ROTEIRO

TEMA: Ditadura militar:

SUBTEMA: A Música como Instrumento de protesto

PÚBLICO: Alunos do 3º ano do Ensino médio

OBJETIVO GERAL:

- Apresentar a música como uma fonte histórica, um meio de informações, e que reforça a ideia de que essa arte serviu e continua servindo como mais uma importante ferramenta de comunicação e conseqüentemente pode trazer em sua letra mensagens de indignação, revolta e protesto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver a crítica a partir deste tipo de manifestação-expressão popular a partir do cotidiano do aluno.
- Provocar nos alunos a ideia de democracia e liberdade de expressão, despertando um senso crítico sobre o que foi a Ditadura militar e como ela atuou na sociedade nas décadas de 60 a 80 e Contextualizar o período estudado.
- Destacar trechos de algumas músicas que retrata a realidade da época, com destaque para “Cálice”, termo ambíguo utilizado por Chico Buarque para denunciar, ainda que intrinsecamente as barbáries e violência cometidas pelos ditadores do governo.
- Instigar a turma a criar, através do que foram expostas em sala, juntamente com a experiência vivida por eles, estrofes que exponham alguma opinião, ou mesmo algum desabafo diante da sociedade da qual fazem parte, no intuito de no fim desenvolverem a letra de uma música de autoria deles para exposição em sala.

METODOLOGIA:

Iniciar com uma paródia para a partir daí obter um conhecimento prévio sobre o que entendem por Democracia e Ditadura.

Expor um diálogo com os alunos sobre o que foi a Ditadura militar, como se deu e o que significou para a história do nosso país.

Levar até eles a letra da música de Chico Buarque supracitada para reflexão e análise de seu teor e conteúdo, bem como leva-los a identificar o verdadeiro sentido e significado do título e letra, e ao mesmo tempo fazer uma ponte entre as críticas sociais contidas nas letras das músicas de hoje com as de protestos criadas na época da ditadura, interligando e comparando o impacto que trouxe continua a trazer para a sociedade.

RECURSOS MATERIAIS:

Slides, notebook, Datashow, caixa de som, letra impressa da música, papel e caneta para confecção do objetivo final da oficina.

